

GRITO CÁLIDO, NA RUA 30...  
Uma peça de Marcondes Tavares

Personagens:

Paulo  
Andreia  
Toninho  
Jurema  
Delegado  
Greta  
Bêbado  
Aleijado  
Cego  
Varredor de rua  
Faxineira  
Picolezeiro  
Verdureiro  
Maria  
Malandro  
Prostituta  
Empresário  
Laura  
Jornaleiro  
Figurantes...

(De fundo a música Divisão)

Bêbado: (dormindo, caído no chão, com uma garrafa na mão)

Fotógrafa: Você está bem (se aproxima)

Bêbado: Tô, tô sim...

Fotógrafa: Por que você não levanta daí e vai pra casa?  
É perigoso ficar aí caído na rua.  
Vai pra casa...

Bêbado: (levanta e se aproxima o verdureiro)

Figurante: (passa apressado e bate no bêbado derrubando seus objetos)

Bêbado: Ôpa!

Figurante: Desculpe...  
(bêbado se vira para o figurante)

Figurante: Ih... seu Antônio bêbado de novo...  
Vá pra casa... vá dormir seu Antônio...  
(Bêbado se retira)  
(Figurante olha as verduras)

Verdureiro: Compre, compre...  
Leve, está no fim.  
Leve dois, pague um.  
Compre, compre...  
Aproveite, bom e barato.  
Compre, compre...  
Leve, está no fim.  
Não deixe pra depois.  
Leve dois, pague um...  
Compre, compre...

Fotógrafa: É fresco...

Verdureiro: (Olha para o homem parado ao lado)  
O mamão ou ele?

Fotógrafa: As verduras, inteligente!

Verdureiro: Ah, claro minha senhora.

Fotógrafa: O que mais poderia ser...

Verdureiro: Não... eu pensei...

Fotógrafa: Mas a esta hora da tarde, não acredito que estejam frescas. Se de manhã já são duvidosas...

Verdureiro: Leve minha senhora. Já é quase noite, e com toda esta mercadoria, aonde eu vou meter...

Fotógrafa: Aonde você quiser...

Verdureiro: Vai cooperar?

Fotógrafa: Pensando bem, obrigada...  
Não vou pra casa.

Verdureiro: (pega uma caixa)  
Droga, ainda mais esta... ai... ai...

Fotógrafa: Como?!

Verdureiro: Não é com a senhora!  
Meu dedo, machuquei.

Fotógrafa: Ah, sim...

Verdureiro: (conversa sozinho). Pra ganhar uns trocados, agente tem que passar por cada uma que parece duas... Fricote de gente fina.  
Não é pra senhora, não sei se a senhora é gente fina, mas tudo bem...

Aleijado: (passa rastejando, pára e pega uma casca de banana do chão)

Fotógrafa: (exclama). Coitado, que miséria! Tome uns trocado, compre umas bananas. Tão barata que é. Impossível acreditar que alguém come casca do chão!  
(tira da bolsa umas moedas e entrega ao aleijado)

Aleijado: Obrigado senhora, vou levar para os meus filhos...

Fotógrafa: Filhos!!!

Aleijado: Dois. (se olha o corpo)  
Eu fiquei assim...

Fotógrafa: Não, tudo bem...

Aleijado: Obrigado!

Fotógrafa: (pergunta ao verdureiro). Escuta... ônibus, onde eu tomo. Não vejo nenhuma parada por aqui.

Verdureiro: Ali... ali gente fina. Pode esperar.

Fotógrafa: Mas cadê...?

Verdureiro: O sinal, você quer dizer?

Fotógrafa: Sim, a placa, a parada!

Verdureiro: Não tem. Eles roubam. Não pára uma semana. Os homens já nem botam mais. Mas pode esperar que ele passa por aí.

Fotógrafa: Será que demora muito? Já estou atrasada, e de noite é muito ruim ficar parada nesta escuridão!

Verdureiro: Não, até que não. Uma hora, uma hora e meia...

Fotógrafa: Cruzes!

Verdureiro: Não tem horário certo. Mas vêm. Lotado mas vêm. Como sempre. Ônibus, que é condução de operário, pra variar sempre vêm lotado e atrasado...

Fotógrafa: E sempre com aumento nas passagens...  
Tá bom, eu espero! Espero que não seja assaltada (faz um silêncio). Lá vem alguma coisa. Graças a Deus! (olha no relógio). Ih... parou. (fica aflita). E apagou as luzes. Ônibus não deve ser!  
Ave Maria, cheia de graça!!!  
Neste deserto, quando não é ônibus, é assalto. Me arrepio só em pensar...  
Acho que vou ficar mais embaixo daquela luz (caminha). Se não fosse tão escuro eu iria a pé...  
Humm... aquele cego... não me é estranho... já vi em algum lugar.  
Mas se isto é hora de estar na rua cantando..  
Desesperado por uns vinténs... coitado...  
Pelo menos arrumei uma companhia...

Cego: Chego no barraco  
Às seis horas da manhã  
O galo já cantou  
E o dia já raiou  
E a nega já saiu pra trabalhar  
E eu mais uma vez  
Chego atrasado no batente  
E o chefe já bronqueia  
De cara feia, descontente

E a vida desse jeito já não dá...  
Ou eu caso com a nega  
Pra cura está paixão  
Ou eu viro boêmio  
Da gafeira do João...

Fotógrafa: Muito bem...  
Dez pila tá bom  
Estou sem troco  
Você canta legal!

Cego: A senhora?

Fotógrafa: Audácia...  
Além de cego, atrevido...

Cego: Calma, não cheguei a terminar o assunto.  
A senhora gostou da minha música?  
Fui eu que fiz...

Fotógrafa: Tudo bem, está legal... gostei!

Cego: Poxa! (balança a cabeça)  
Um troquinha dali, outro daqui.  
Agente vai levando a vida.  
Até parece que cego tem obrigatoriamente que ser esmoleiro. Poucas  
pessoas percebem que cego serve pra alguma coisa.

(Fotógrafa se aproxima da parada de ônibus)

Picolezeiro: Olha o picolé, quem vai querer?  
Bom e barato... morango e abacaxi...  
Olha o picolé, quem vai querer o abacaxi...

Fotógrafa: É um abacaxi a esta hora da noite! Obrigada!

Picolezeiro: Não deu pra vender tudo de dia...  
Olha o picolé... olha o picolé... quem vai querer...  
Bom e barato... morango e abacaxi... olha o abacaxi...  
(sai de cena)

Toninho: (escreve no muro: "Operário, poema esquecido")  
(Bate com o pé)

Fotógrafa: Que legal pixador de muro (se aproxima falando)  
É isso aí, o que não se pode gritar bem alto se coloca no muro...  
Tô contigo... afinal o muro não fala mas transmite...  
E como...

(apito de polícia)  
Escape-se quem puder... aí vem os homem da lei.  
(Toninho sai, fotógrafa se aproxima da parada)

Varredor: (varrendo a rua, quando sacode e bate a vassoura na fotógrafa que está na parada).

Fotógrafa: Estúpido! Não vê aonde bate essa vassoura?

Varredor: Desculpe!

Fotógrafa: É desculpe... depois que inventaram a desculpa parece tudo mais fácil. A minha roupa, como é que fica?

Varredor: Desculpe, senhora, desculpe...

Fotógrafa: Hu...

(as luzes se apagam e logo se acendem)

Delegado: (Toninho sentado na cadeira de cabeça pra baixo e o delegado caminha em volta de Toninho)  
Ahhh... eu sabia...  
Eu já estava imaginando, quando você entrou aqui com esta carinha... dá pra perceber... Vamos fale!  
Antes que eu tenha que colocar as mãos... tá com medo?  
É sempre assim... eu já estou acostumado com vocês...  
Vocês matam, assaltam e depois ficam com medo...

Toninho: Mas eu não fiz nada... eu só...

Delegado: Como nada! Tens coragem de dizer que não fez nada!  
Nojento... eu não devia perder meu tempo com vocês, mas infelizmente não sou eu que boto lei nisto aqui. Se não já teria resolvido este problema... vai falar ou não vai?

Toninho: Mas fala o quê?  
Que eu estava pixando o muro?

Delegado: Pixando o muro coisa nenhuma... quer me enrolar?  
Eu tenho muita experiência, ainda mais com marginal da tua laia...

Toninho: Mas então o que eu fiz?  
Sinceramente eu não sei do que estou sendo acusado!

Delegado: Assassino!

Toninho: Assassino?! (grita)

Delegado: É, assassino!  
Além de assassino, um bom ator... e dramático.

Toninho: Mas eu...

Delegado: É isso mesmo, assassino do traficante que ficou esparramado lá na rua 30, já esqueceu? Péssima memória (mostra uns papéis). Esta aqui óhh... preso em flagrante, no ato do crime... e ainda quer inventar histórias!

Toninho: Mas isto é mentira!

Delegado: Quem é você pra me desmentir... hein... você quer me ludibriar... meus homens não falham...

Toninho: Você não pode fazer isso comigo (chora).

Delegado: Não precisa falar.

Toninho: Mas falar o quê! Pelo amor de Deus! Você tem que acreditar em mim, eu sou um operário, sou um trabalhador. (fala baixo) Trabalhador... sugado como tantos por aí...

Delegado: Cadê a sua profissional?

Toninho: Está aqui ou eu acho que perdi...  
Acho que deixei em casa...

Delegado: Aonde você trabalha?

Toninho: Agora não estou trabalhando. Já faz dois meses que estou batalhando.

Delegado: Batalhando o quê? Assalto, roubando?

Toninho: Um emprego...

Delegado: (ri, ironicamente)  
Não trabalha, pego em flagrante no local do crime. O que você quer que eu faça?... Não precisa falar. Não vou perder meu tempo com este tipo de coisa. Você vai falar...  
(no telefone) Alô... escuta, me leva este rapaz daqui. Sim... é... me dá aquele tratamento... o de costume... pra estes marginais difíceis... me leva... sim agora... (desliga o telefone).  
Tudo bem... não quer falar, não fala... (ri). Você vai falar. Já que não quer pelo bem, vai falar pelo mal...

Toninho: Ai...ai...  
(barulhos de ponta-pés, tapas, etc.)  
(luzes se apagam e logo se acendem).

Figurante: Meu Deus! Que bagunça... (deixa cair o balde da mão). Pelo jeito sangraram um boi (limpa o chão). Ou alguém menstruou aqui... que nojeira...  
(luzes se apagam e logo se acendem).

Malandro: Circulando hein... boneca!

Prostituta: É, não dá pra parar. Os homens estão casando...

Malandro: Casando...

Prostituta: Até parece que somos marrecas...

Malandro: Ainda dizem que aquilo que eu tenho lá em casa é mulher!  
Tens hora, boneca?

Prostituta: Horas eu tenho, o que eu não tenho é local.

Malandro: Mas eu tenho!

Prostituta: Quartinho de pensão?!

Malandro: Por aí...

Prostituta: Só de carro...

Malandro: Gasolineira ainda!...  
(Malandro se retira).

Prostituta: (Pára e se maquia, tira da bolsa um espelho e se olha)

(Toca a sirene da polícia e as luzes se apagam e logo se acendem)

Empresário: (no telefone)  
E é a única saída... pouco serviço... e nós vivendo de produção... você está louco... tenho que dispensar os operários... eu sei, eu sei, é difícil... ainda mais nesta época do ano... achar emprego não é fácil... mas o que eu vou fazer... são ordens... eu também pensei nisto... não sei, não sei, mesmo nem quero me meter.... sobrando? Como assim? Ah, na administração? Não sei, não sei... se tem gente sobrando, não fui eu quem colocou... não me comprometa... só sei que eu tenho que reduzir o quadro...  
O que tem eles!!!

Você não sabe quem colocou eles no pedestal.. olha se tem condição de estar lá onde eles estão não é problema meu... eles são as unhas e a carne com o homem... não vou me meter... só um pouquinho...

(pergunta para a fotógrafa) Em que posso servir?

- Fotógrafa: Sobre vagas... empregos...  
Secretária... sou contadora...  
Sou formada pela escola...
- Empresário: Sim, tudo bem. Mas infelizmente vou ficar lhe devendo. Inclusive, estamos reduzindo o quadro...
- Fotógrafa: Vai me dizer que não há emprego nesta enorme firma...  
Está terrível esta situação. Não há trabalho em lugar nenhum. E depois, ainda falam de roubos. Dos crimes, dos assaltos.  
(Pensa um pouco).  
Mas o que adianta se o principal nós não temos. Que é um emprego pra ganhar o dia-a-dia. Se é o emprego que garante nossa sobrevivência.
- Empresário: É, e depois a crise que atravessa nosso país!
- Fotógrafa: (ri ironicamente). Só que esta crise eu vejo falar desde quando eu nasci. É mais velha que andar a pé.
- Empresário: Concordo com você!
- Fotógrafa: Este país está morrendo de câncer. Quer dizer.. de crise... tudo bem, obrigada...
- Empresário: Pode ser que em outra oportunidade possamos ser útil...
- Fotógrafa: Há mais um detalhe. Eu ia me esquecendo.
- Empresário: Há, pois não...
- Fotógrafa: Tem muita gente se aproveitando da crise pra fazer as suas injustiças...
- Empresário: Como assim... não lhe entendo?
- Fotógrafa: Tem muitas firmas por aí que estão construindo, comprando frotas de carros, muita gente esnobando dinheiro, altos luxos, e quem leva no traseiro é o pobre do arigó. Aqueles que acham que estando trabalhando, tem dádiva dos seus patrões o seu emprego... obrigada mais uma vez!  
(Fotógrafa sai a rua e neste momento está passando um grupo de grevistas, ela participa. Com o barulho vindo da rua causado pelos grevistas, o empresário vai até a janela e esquece o telefone fora do gancho)

## GREVE

- Figurante1: Abaixo a corrida armamentista...
- Figurante 2: As usinas nucleares...
- Fotógrafa: A panela vazia...
- Figurante 3: A repressão social...
- Fotógrafa: Queremos emprego pra todos...
- Figurante 1: Vamos lutar por uma sociedade mais justa...
- Fotógrafa: Direitos e colégio pra todos...  
Igualdade nos empregos pra mulher...  
Vamos lutar minha gente...  
(greve passa)

(Empresário volta da janela e põe o telefone no gancho, pois a ligação caiu)  
(Logo o telefone toca de novo)

- Empresário: Ah, sim... tanta coisa... a ligação tinha caído... não, não é nada, uma manifestação sem fundamento... gente que não tem o que fazer...  
Ah, como eu estava falando... uma gostosa pedindo emprego.. é bonita rapaz... não quer colocar aí no lugar desta rua secretária... quer dizer, deste teu museu... precisa renovar... mas é isso aí rapaz... eu sei que é uma injustiça... mas antes os anéis dos que os dedos. Olha não vou fazer frente ao problema... se você tem sentimentos eu também tenho... eu tenho pena, coitados.  
Escuta, tá me achando com cara de quem tem testa de ferro?  
Infelizmente é assim, tu sabes muito bem... quem ganha mais berra mais, fala mais alto... este é o termo mais exato. Eu não tenho culpa, estou fazendo o que um bom administrador faz. A crise rebenta na parte mais fraca, isto todo mundo sabe... afinal cadê o tal salário desemprego... ninguém aciona isto... que sindicato que nada... aqui neste país o que agarra força eles cortam... e os que já nascem de asas partidas estão aí só pra enfeitar... é isso aí mesmo, irmão.  
Um abraço, não esquente... qualquer novidade te ligo.  
Olha, sinceramente não dá... sinto muito... claro que eu sei que tem, tem... eu vi nos últimos relatórios... os do ano passado... já constatei tudo isso... não, pode ficar tranquilo... não, você não vem ao caso... sim, sua viagem pra Miame... já foram feitas as reservas... sim, hotéis também... tudo, tudo...  
poxa, não desiste rapaz... não posso, e a política aonde fica?  
Um abraço... outro... até...  
(desliga o telefone)

Que cara mais insistente, meu Deus do céu... se eu mexo com esses caras pode piorar... que situação...

Se bem que o Alfredo está certo... se mandasse esta turma de vagabundo que não faz nada e ganha um monte de dinheiro, poupava a barra destes pobres miseráveis trabalhadores... o quê que eu faço... que dilema... conversar com os homens não adianta... acho que eu vou ficar quieto, antes que leve um ponta-pé no traseiro...

(O telefone toca)

Sim... já vou... só um pouquinho... levo... (desliga)

A Lista... a tá... achei...

Será que eu não esqueci de ninguém... (sai lendo)

Pedro... Manoel... João... José... coitado do Zé...

(sai depressa e leva junto o telefone... bem atrapalhado)

(As luzes se apagam e logo se acendem)

(Greta entra junto com o figurante, conversando)

Greta: Ai, tenho loucuras, adoro suflê de amoras. Mas eu pinto lá na tua casa. Me aguarde...

Figurante: Vai mesmo... tenho cada uma pra te contar...

Greta: Estou curiosa... quer dizer curioso...  
Tião...

Figurante: Tião...

Fotógrafa: Greta.

Greta: Quem me chama!

Fotógrafa: Não te faças!

Greta: (se vira). Oi querida! O que está fazendo aqui? Mas que loucura está essa rua! um assalto em cada esquina!

Fotógrafa: Parece que estás com medo!

Greta: Medo... morro de tédio!  
Principalmente quando alguém me chama! Não dá pra piscar...

Fotógrafa: E se fosse um ladrão...

Greta: Era mais legal. Eles mexem em tudo...

Fotógrafa: Não mudaste em nada, Greta...

Greta: Imagina... mudar pra que... Só para os outros me aceitar? Azar, me aceite como eu sou. Afinal não é só eu a ovelha negra deste rebanho...

Fotógrafa: Sempre orgulhosa!  
Quer dizer, orgulhoso...

Greta: Você não tem medo de andar sozinha nesta rua?

Fotógrafa: Claro que não, imagina...  
Assalto tem em todos os lugares...  
Ainda continua naquela firma?

Greta: Linda e bela! Eles me adoram. Chegam a dizer que eu sou a 15ª maravilha do mundo.

Fotógrafa: Tu não tem jeito mesmo...

Greta: Por falar em maravilha, tu assistiu ontem a TV?

Fotógrafa: Não há tempo, desde que começou as provas na faculdade... até está queimada a nossa TV. Pra falar a verdade, não temos televisão, porque queimada é a mesma coisa que não ter...

Greta: Perdeste...

Fotógrafa: Não me vem com aqueles teus casos engraçados, não estou com vontade de chorar...

Greta: Mas chorar pra quê?!

Fotógrafa: Quando você conta seus casos quase morro de rir...

Greta: Por que não mijar... meu bem...

Fotógrafa: Porque eu sinto vontade de chorar e não de mijar...

Greta: Você lembra de Merly Sanfro?

Fotógrafa: Não...

Greta: Aquela badalada do ano passado. Aquela que venceu no Olímpia de Paris.

Fotógrafa: Aquela que tinha um show de música, dança e stripteases?

Greta: É, essa mesmo!

Fotógrafa: Sim, eu li alguma coisa a respeito...  
Ela se deu bem... mas o que tem haver isso tudo...

Greta: E agora você lembrou. Aquela... dos enormes (passa as mãos nos peitos).  
Puro silicone. Pois é, estava na TV. Entrevistada meu bem...

Fotógrafa: Sim, o que tem...

Greta: Não é nada. Só que aqui neste país, bixa quando vence lá fora eles fazem  
um escarcel em cima do "produto de exportação".

Fotógrafa: Mas tem que ser assim.

Greta: Eu sei que tem que ser assim. Só que parece que ninguém quer aceitar que  
esta raça existe...

Fotógrafa: Ah, meu filho... tem cabeças e cabeças. Tem lugar pra todos, não fique se  
revoltando... acho que não tem nada haver. Cada um faz o que quer. Afinal  
homossexualidade não é opção.

Greta: Mas deixa eu te contar a maior. Tu precisava ver aquela desvairada.

Fotógrafa: Não marginaliza a coisa...  
Aquela artista...

Greta: Tá, tudo bem. Aquela artista com um vestido vermelho bofeta! Entrou  
arrasando a periferia. Um deslumbre total... e todo mundo aplaudiu... uma  
verdadeira loucura!

Fotógrafa: Tudo bem, ela pode e daí! Tem mais é que arrasar.

Greta: Claro, só dou força...

Fotógrafa: É isso aí, tem que dar força. Afinal ela se propôs e fez. Isso é legal.

Greta: Bem que eu poderia estar nesta...

Fotógrafa: Ah, deixa de invejar os outros. Seja você mesmo... eu adoro você assim.  
Acho que de outra maneira eu não iria gostar não... Bem, eu já vou indo. Foi  
um prazer te encontrar...

Greta: Eu vou até a padaria... comprar leite e lingüiça.

Fotógrafa: Lingüiça na padaria?

Greta: Porque não? Não tem padeiro por acaso?  
Bay bay...

Fotógrafa: É uma doida!  
(balançando a cabeça e fica na parada)

Figurante: Moça... moça...  
Quer me dizer onde fica este endereço!?

(Andréia pega o papel na mão e lê)

Andréia: A senhora veio do norte?

Figurante: Não, do sul!!!

Andréia: (toca na barriga da figurante, e...)  
Está grávida? De quantos meses?

Figurante: Não, é minha trouxa. Eu boto aqui de medo de ser assaltada?  
(figurante deixa cair a trouxa e depois junta).

Andréia: Este endereço é do centro de triagem. Pegue um ônibus naquela parada  
(Andréia aponta) e peça para o cobrador lhe largar lá... ele sabe...

Figurante: Ah, muito obrigada!

Andréia: Tem cada uma!  
(Balança a cabeça)

(As luzes se apagam e logo se acendem)

(Paulo e Andréia entram juntos)

Paulo: Você acha que eu vou ficar trancado neste ap.. Cheio de festas pela cidade toda. E de mais a mais, tenho uma festa pra ir antes da boate.

Andréia: Pois eu estava com vontade de colocar em dia a minha matéria. Segunda-feira é dia de prova. (Pega os livros e folheia). Já não agüento mais esta faculdade. Além de cara, agente não tem tempo de estudar. Não é coisa pra pobre. A mamãe que estava certa: "quer estudar estuda, mas te rala..."

Paulo: Raladinha que nem queijo pra macarrão! (Paulo ri).

Andréia: Ainda ri da minha cara, né!

Paulo: Por que você não tenta a federal? (pega um cigarro).

Andréia: Porque as federais são apenas privilégio para os ricos...

Paulo: Como assim?! (Paulo senta no chão)

Andréia: Não te faças de ingênuo. Até parece que você não tem os mesmos problemas que eu. Não ponha a cinza no chão, coloca aqui (alcança o cinzeiro). Claro, eles têm muito mais tempo pra estudar, vivem em cima dos livros.

Paulo: Quer dizer que rico não tem sofá. Se senta em cima dos livros. Por isso que os grandes mestres só saem das classes nobres...

Andréia: Ah, não goza da minha cara. Estou falando sério... eles não trabalham que nem burros como nós. Eles freqüentam os melhores cursos de pré-vestibular.

Paulo: É assim mesmo, quem tem mais pode mais...  
Afinal, por que esta ganância de estudar...

Andréia: Porque eu acho que é a única maneira de sair dessa...

Paulo: Não estava brincando, você tem razão (pensa).  
Tem gente que não quer pessoa inteligente.

Andréia: Por quê?

Paulo: Com pessoas analfabetas é melhor de dominar...  
Mas também não adianta muito estudar, passar de ano... tirar cursos...

Andréia: Não sei por quê não adianta?

Paulo: Porque os bons empregos geralmente não estão reservados aos mais estudiosos... Escuta, vamos ou não vamos?

Andréia: Aonde?

Paulo: A festa!

Andréia: Ah, tinha até me esquecido... acho que vou, mas ainda é cedo.

Paulo: (se levanta) Já arranhou emprego? Quer dizer, alguma coisa pra ganhar dinheiro... um lance legal?

Andréia: (larga os livros e levanta). Ainda não. Caminhei a semana toda. Gastei o salto do sapato e nada. Uns mandam eu fazer ficha, que eu não acredito muito. Se agente não ficar em cima da jogada, não se arranja nada... outros tem coragem de me mandar passar daqui um mês. Se vou esperar, morro de fome...

Paulo: Não estou querendo te apressar. É porque me veio na cabeça, se eu ganhasse um pouco mais, você só estudava...

Andréia: Poxa, que legal, parece um sonho...

Paulo: O meu emprego também está uma bosta! Parece um fantasma, todo dia botando... botando gente pra rua. só fico imaginando quando vai ser a minha vez... isso me dá uma angústia... O aluguel já pintou?

Andréia: E com aumento, pra variar! Não vamos falar de crise... Isola isto, cadê uma madeira (bate com a mão no chão). Vamos pelo menos, tentar viver. Afinal não somos tão miseráveis. Vamos olhar pra trás...

Paulo: Pra que? Não tem ninguém nos seguindo...

Andréia: Você é muito criativo... você já pensou como vive um favelado?!

Paulo: Uns heróis sem medalhas, sem honraria. Quem precisa ganhar honras, ganha o lixo como medalha...

(Campainha toca, Paulo vai até janela)

Paulo: Ah, deixa aí, já apanho...

Andréia: Quem é?

Paulo: O padeiro. Escuta, toma cuidado com esse pão, o de ontem tinha uma peruca dentro... é, um fio de cabelo do tamanho de uma peruca... tá, deixa aí... (Paulo volta da janela). Coitado, ficou apavorado...

Andréia: Não é ele quem faz o pão...

Paulo: Só pra mexer com ele...

(Os dois fazem um silêncio)

Andréia: O Marquinhos vai estar lá nesta tua tal festa?

Paulo: Acho que não, por quê?

Andréia: Ah, pra pedir a última aula de antropologia da semana passada. Aquela aula do dia em que nós fomos visitar o teu amigo.

Paulo: Que amigo?

Andréia: Aquele da moto, que se acidentou.

Paulo: Ah, tá, o Jeferson...

Andréia: É, esse mesmo...

Paulo: Mas falando em Marquinhos, parece que ele está viajando, e pra fora do país o danado...

Andréia: O Marquinhos?! Gente fina é outra coisa. Poxa, eu nem conheço o meu país direito.

Paulo: Como você é patriota, "o meu país" ...  
É, mas ele deve estar fugindo... a esta altura...

Andréia: Fugindo do quê?

Paulo: Você não lembra o mês passado, do badalado crime da rua 30?

Andréia: Sim... o que é que tem haver com isso?!

Paulo: Rua trinta... que coisa mais idiota. Aqui neste país, rua 30 é local de marginalização. Se fosse nos Estados Unidos, era rua de granfino... mas que comparação mais absurda esta minha, só porque andam juntos não tem nada haver o CU com o CA.

Andréia: E o Marquinhos...

Paulo: Ah, é mesmo... pois é, o Marquinhos está envolvido no tal crime.

Andréia: Envolvido?!

Paulo: É, seu colega. Altas transas, é isso que dá.

Andréia: Sim, meu colega de aula. Vê como fala! Estes dias andou uma confusão lá na faculdade, mas não fiquei sabendo o quê. Também, não ligo muito pra isso...

Paulo: Mas devias. Hoje em dia temos que estar atentos a tudo.

Andréia: Mas envolvido... então ele deve estar na cadeia. Coitado do Marcos... pobre do pai dele...

Paulo: Não acho, aquele velho dá muita força pra ele, que se rale...

Andréia: Faculdade paga... parece que ele faz oito matérias... bom apartamento no centro, carro zero, muita grana pra gastar... mas isto é uma loucura...

Paulo: Uma loucura é a sua piada... O Marquinhos preso!

Andréia: Não sei por quê?!

Paulo: Você já viu rico na cadeia?

Andréia: Eu já...

Paulo: Talvez algum turista visitando a penitenciária!

Andréia: Bem, com esta acho que eu vou a festa...

Paulo: Só não vai se não quer.  
Cadê a minha roupa?

Andréia: Está ali bem passadinha...

Paulo: Você é um anjo!  
(Paulo se veste declamando um poema)  
"Abri a lixeira do mundo  
E entre coisas apodrecidas  
Encontrei sementes esquecidas  
Que hoje germinam meu tudo  
Brotam num silêncio misterioso  
A gana, a sádica e a cisma  
O que prospera, perde-se em rimas  
Desajustadas em vão glorioso  
Se perturba minhas misturas  
Não sei, mas não fujo do que procuras  
Em atos mesquinhos, me desfazer  
Eu ainda vou com asas brancas depois de ti  
E o preto que em mim sumir  
Reencontrarás depois de viver."

Andréia: Poxa! Que lindo soneto!

Paulo: Fiz pra você... e pro resto do mundo...

Andréia: Você é muito romântico  
(Andréia joga um beijo e Paulo também)  
Escuta você já fez a música para aquela letra que eu te dei a semana passada?

Paulo: Claro que sim! Você quer ouvir?

Andréia: Sim... pode tocar...

Paulo: Ainda não está bem pronta, mas já dá pra sentir...  
“A esperança de amar da menina  
Nasce como flor do campo  
Sem ninguém plantar  
O galope de um zaino amadrinhado  
Queima como fogo  
No peito de um gaúcho apaixonado  
O silêncio do mato de pitanga  
Reflete na espuma branca  
Que escorre junto às águas da sanga  
O bando livre dos pássaros voando no ar  
É toda a liberdade que eu vivo a sonhar.  
Lá dos confins do nosso rincão  
Vem a nossa história  
Sofrida e vestida de glória  
Tanta poesia esquecida no tempo  
Se arrastando no vento  
Como raízes em tapera.”

Andréia: Ficou legal...

Paulo: Ande logo, tenho pressa!

Andréia: Ih... nem vi o vestido que vou colocar...

Paulo: Ah, também, você fica aí se masturbando, “nem ata nem desata”...  
(Paulo olha na janela)  
É uma velha... e por acaso é a sua mãe!  
Poxa, veio no Natal e agora de novo. Assim não agüento. Nós sempre sem dinheiro!!!

Andréia: Que legal...

Paulo: Muito legal... ótimo!!!

Andréia: Agente dá um jeito.

Paulo: É mais uma despesa que não estava no orçamento... Vá abrir a porta...

Andréia: (caminha até a porta falando). Pode ser que ela traga algum dinheiro, a mãe está sempre numa boa...  
Oi mamãe... que saudade...

Laura: Oi minha gente... como vão por aqui...  
Tudo bem...  
Mas que loucura esta rua... um louco lá quase me atropelou...

Andréia: Este trânsito é terrível...

Laura: Não, um ciclista em cima da calçada... (entra e fala). Mas ainda vazia esta sala... vai me dizer que gastaram o dinheiro que eu deixei pra comprar...

Andréia: É, o Paulo se apertou.

Laura: Está desarranjado?

Andréia: Não, se apertou de dinheiro, quase fomos pro SPC...

Laura: Já sei, pagou o aluguel... mas eu tenho uma grande surpresa (joga as malas no chão)... aposto que vocês vão adorar... (Paulo e Andréia se olham).

Andréia: Dinheiro!!!

Laura: Voltei pra ficar definitivamente com vocês. Vendi as terras e vim pra cidade, agora é pra valer...  
(Os dois ficam sem dizer nada)  
Ué... parece que não gostaram da idéia... da sua mãe...

Paulo: Adoramos... mas não é possível... que situação...

Laura: (se senta)  
Está feia... eu vinha lendo o jornal no ônibus!

Andréia: Paulo, tenha calma!

Laura: Você ainda anda nervoso?

Paulo: Estressado!

Laura: Tem se apresentado? Aonde você está se apresentando?

Paulo: Não é nada disso dona Laura...

Laura: Mas não deixou a velha mania de cantor. Isto não dá dinheiro meu filho.

Paulo: Se não fosse esse bico estava roubado. Porque o meu emprego...

Laura: Por que não dá... está rejeitando a veia...

Paulo: Não, não é isso... é que lá onde vamos só entra pessoas acompanhadas...

Laura: Eu fico então, tem muito tempo pra passear... vou ver televisão.

Andréia: Sinto muito, mas está queimada.

Laura: Afinal, o que funciona nesta casa, não tem sala, não tem televisão, não tem neto...  
Mas tudo bem, pra estar junto com vocês eu faço qualquer coisa... vou desfazer as malas... tem uma porção de coisas que eu trouxe... um pão tão gostoso, e uma ximia que eu fiz...

Andréia: Bota no frigider...

Laura: Tem frigider?

Paulo: Tem, isso ainda tem...

(dona Laura se retira)

Laura: Cuidado os assaltos por aí, não facilitem...

Andréia: Poxa Paulo... parece que você não gosta da mamãe!

Paulo: Não é que eu não goste dela. É que agente sempre está numa merda federal, nunca dá pra receber ela bem, eu fico puto com essas coisas...  
(Paulo pega o violão e tira o pó)  
(Os dois ficam pensando).

Andréia: E aquele guarda da estrada?

Paulo: Por que lembrar logo agora neste caso passado... você não esquece das coisas...

Andréia: Quem dá esquece...

Paulo: Quem apanha lembra... como dizia a minha avó!  
Pensa bem, o que adiantou aquela multa, aquela hora da noite (pensa). Me multar por falta de luz no carro, quer dizer na fubuca... pelo menos eles deviam ter me conduzido até um lugar que eu pudesse consertar, e não me multar por falta de luz... eu também devia ter protestado com ele, mas perto de polícia agente treme como vara verde.

Andréia: Isto é pela segurança que eles nos oferecem!

Paulo: Afinal, eles têm que justificar o salário deles!

Andréia: Vai discursar muito...

Paulo: Isto não é discurso, são desabafos da minha mente, eu tenho muita mania de pensar alto.

Andréia: Você viu os jornais falando das eleições?

Paulo: Sim... deu bem como eles queriam... situação dando teta em nós...

Andréia: Poxa, que termo, aonde você aprendeu isso?

Paulo: É a nossa cultura, gíria... agora não adianta chorar... já votaram... afinal, tem muito responsável por tudo isto...

Andréia: E irresponsável também...

Paulo: Você tem razão... Vamos!

Andréia: Dá um tempo em dois toque.  
Acho até que vou assim mesmo. Escuta, a turma da pescada vai estar lá?

Paulo: A turma do fumo?

Andréia: É, acho que é...

Paulo: Não sei, mas se estiver... Não seja radical... isto também faz parte...

Andréia: Não é radical... é perseguição...

Paulo: Perseguição, por quê? Alguém anda lhe perseguindo? Eu tenho achado você tão estranha ultimamente... O que há, heinn?

Andréia: Não há nada, seu bobo... eu continuo fiel defensora dos desafortunados... nem que eu me rale... mas eu vou até o fim...

Paulo: Não estou te entendendo... é... (Paulo se levanta)  
Mas é muito fácil dizer...  
Droga... bixa... puta... ladrão...  
Mendigos... trombadinhas...  
Isto parece chocante...  
Tudo isto choca muita gente  
Muita gente que não está interessada  
Em saber as causas dos fatos  
Só recriminam pelos acontecimentos  
Uma coisa que me preocupa são as pessoas  
Não param pra ver a raiz do problema  
Normalmente os fatos são condenados  
Antes de qualquer princípio  
Temos que tentar curar este câncer  
Não adianta passar o remédio por cima...

Andréia: Senta Paulo... você fica que nem uma múmia aí discursando... você viu ontem o jornal, aquela menina que os pais expulsaram de casa, aquela menina de 12 anos...

Paulo: Acho que sim... você anda lendo muito jornal... (Paulo senta)

Andréia: Aquela grávida...

Paulo: Ah, tá... lembro... o que é que tem...

Andréia: Aqueles pais não se dão conta de que estão assassinando mais uma vida! Garanto que ela nem sabe por onde vai sair o bebê!!!

Paulo: Também não é assim...

Andréia: Claro que é...

Paulo: Não... (GRITA)

Andréia: É força de expressão Paulo...

Paulo: Essas pobres mães solteiras precisam de apoio, de estruturas na família, de condições sociais... mas tudo isso faz parte desta sociedade que vivemos... esta maravilha de sociedade... (Paulo se levanta)

Andréia: Vamos Paulo... agora sou eu quem está com pressa...

(Laura vai até a sala)

Laura: Minha filha tem um...

Andréia: Um o quê mamãe?

Laura: Um branquinho...

Andréia: Ah, um pinico?

Laura: É...!

Paulo: Pega um funil e uma garrafa, dona Laura...

Andréia: Pára Paulo! Sempre se arranhando... Já levo mamãe...

Paulo: Poxa, você viu que horas são.  
23 horas. Já era a nossa festa. Pega o violão. Vamos embora...

Andréia: Pra onde vamos?

Paulo: Com esta situação, de repente, até pra Bolívia.

Andréia: Não vai me dizer que vais ficar em casa depois que me arrumei toda...

Paulo: Quem te contou.  
Já era pra estar lá na boate. Ultimamente tenho andado sempre atrasado, só falta levar um chute... gente pra cantar na noite está amontoado... vamos embora...

(As luzes se apagam e logo se acendem, como pisca-pisca de boate)

Andréia: (Chega sozinha e senta, logo a seguir começa a chegar mais pessoas).  
Oi, você veio aqui também!  
A noite está ótima...

Maria: É, distrair um pouco faz bem...

Andréia: Juro que eu não imaginava você aqui hoje... E o Marquinhos?

Maria: Não sei desta droga...

Andréia: Brigaram?

Maria: Fui chutada...

Andréia: E sobre estes rolos que andou acontecendo com ele, você sabe de alguma coisa?

Maria: (Fica cala)

Andréia: Vamos, fale, eu sou tua amiga... bom, se não quiser falar tudo bem, eu já sei de tudo...

Maria: Tudo?!

Andréia: É, tudo...

Maria: Você não sabe não. Mas eu lhe procurei exatamente pra te contar. Porque eu sei de tudo.  
(Maria olha pra dentro da boate)  
Olha, vai começar.

Andréia: Sim, eu sei, meu companheiro que canta aqui...

Maria: Não é seu marido?

Andréia: Sim, pode ser...

(Maria e Andréia conversam fazendo mímica)

(Paulo entra cantando)

“Eu não gosto  
De lembrar  
Que um dia  
Alguém eu fiz  
Chorar  
E no amor  
Que perdi  
Por duvidar  
Quando ela  
Me amou  
Simplesmente  
Não liguei  
Com seu  
Grande amor  
Eu até  
Brinquei  
E agora  
Estou sozinho  
Perdido  
Sem caminho  
Procurando  
Alguém como você  
No amor  
É assim  
A gente  
Busca o fim  
Mas não sabe  
Perder  
O que resta  
Para mim  
É conviver  
Com esta  
Solidão  
Pela marca  
Que deixei  
No teu coração”

Andréia: Você pode ficar tranqüila que amanhã de manhã eu enfrento este tal de...  
Enfrento este tal de...  
O que é que ele é mesmo?

Maria: (diz no ouvido de Andréia) É delegado...

Andréia: Tudo bem, já estou até aqui deste caso... Chega de injustiça...

(Luzes se apagam e logo se acendem)

Jornaleiro: Olha o jornal  
Olha o jornal com notícia bem fresquinha...  
Olha o jornal  
Com excelentes manchetes  
Argentina provoca guerra  
Pra ter um motivo na justificativa  
Dos desaparecidos  
Dos seus presos políticos  
Fantástico...

Figurante: Vai sair no show da vida...

Jornaleiro: É... vai...  
Este é um jornal popular  
Um jornal que não desvia notícias  
Um jornal que diz o que os outros escondem  
Um jornal que não é bruxa, mas apavora muita gente  
Compre uma assinatura  
Grito Cálido é um jornal que nasceu da inconformidade  
Com o sistema que se mantém no poder pela violência  
E suga a nação em favor da minoria  
Procure analisar, texto por texto  
Assim como este  
Prefeito local demite funcionários CLT  
Pra limpar a cagada que deixou  
Na outra administração

(Jornaleiro comenta em tom mais baixo): { É, a partir do momento que a justiça  
É privilégio apenas para uns, deixou de ser justiça

Está, está melhor muita poesia em cima...  
(sobe numa cadeira)

Aqui estou eu...  
Exposto no tempo  
Preso pelas mãos  
Frias dos ventos  
Seguindo rumos  
De cabeças perdidas  
Erguendo bandeiras

Em pátria vencida  
Fugindo dos braços  
Amarrado a teus pés  
Segurando a barra  
Sabendo quem tu és  
Plantando sementes  
Sem tempo de cuidar  
Fingindo inocente  
Ao ver a guerra matar

Aqui estou eu...  
Um homem da rua  
Ao som do violão  
Falando da lua  
Jejuando amor  
Morrendo de fome  
Sugado pelas leis  
Criadas pelos homens  
Desenhando as mãos  
Na areia quente  
Fitando um corpo  
Que os olhos mentem  
Retirando as pedras  
Pelo o furo d'agulha  
Pra todos nós se amar...

Aqui estou eu...  
Sorteado ao nascer  
Vivendo e aprendendo  
Pra um dia morrer  
Desvairado  
Um grito cálido  
No vazio da multidão  
Escutando o silêncio  
Da minha canção...

Poema de Marcondes Tavares

Figurante: Canção! (exclama)

Jornaleiro: É... tem que ter canção pra embalar...  
Aqui vai mais uma das denúncias entre tantas neste jornal!  
Espero que não seja casado...

Figurante: Cruz credo!

Jornaleiro: Artigo XXIII, dos Direitos Humanos: "Todo homem tem direito ao trabalho"

Figurante: Só direito, porque trabalho que é bom...

Jornaleiro: Todo o homem tem o direito de escolha de trabalho!

Figurante: Não concordo...

Jornaleiro: Comigo?

Figurante: Com os direitos, tomara eles nos escolher, pra não ficar desempregado...

Jornaleiro: Todo o homem tem o direito de proteção contra o desemprego!

Figurante: Mas fica só no direito!

Jornaleiro: Olha o jornal Grito Cálido  
Aproveitem, assinem  
Por um preço bem acessível...  
Olha o jornal... olha o jornal...  
Aproveitem...

(Jornaleiro sai de cena)  
(Figurante e Andréia)  
(Obs.: figurante é mãe de Toninho)

Figurante: Você comprou o jornal?

Andréia: Eu estou sem grana, mas vou comprar.  
É muito bom este jornal...

Figurante: (Olha o jornal). Mas olha só que coisa terrível!

Andréia: Realmente terrível... o jornal está de cabeça pra baixo...

Figurante: Eu não sei ler moça!  
Soletrando sai alguma coisa!  
Será que neste jornal não traz alguma coisa sobre a prisão do meu...  
(fica triste)

Andréia: De quem você está falando

Figurante: Não, não é nada... (vai saindo)

Andréia: Escute (pega no braço)

Figurante: Não, eu tenho medo... não posso falar... me deixa ir...  
(figurante se solte e sai correndo, e joga o jornal no chão)

Andréia: Mas que coisa estúpida. As pessoas estão cada vez mais loucas...  
(pensa um pouco)  
Pára aí, será que esta não é mãe do que está preso no lugar do Marquinhos! Mas é muita ironia do destino. Eu encontrar esta mulher... ela pode saber de tudo...

(Andréia junta o jornal e se apavora)  
Não... não é possível...  
Maria... que coisa horrorosa...  
Mas isto é loucura...

(As luzes se apagam e logo se acendem)

Andréia: Com licença.

Delegado: Pois não, em que posso ser útil. Não veio me fotografar!?

Andréia: Como assim, como você sabe que eu gosto de fotografia? Você nem me conhece!

Delegado: Você é quem não me conhece. Mas deixa pra lá. Em que posso servir?

Andréia: Você é um... (se cala)

Delegado: Um o quê...

Andréia: Injusticeiro...

Delegado: Injusticeiro, como te atreves. Eu sou uma autoridade. Estou preservando a segurança de vocês aí na rua. Você está louca!

Andréia: Louco está você. Este rapaz que está sofrendo aí atrás das grades e, cuja família também está sofrendo muito por culpa sua, por dinheiro, por muito dinheiro que está correndo por traz de tudo isso... é uma enorme armadilha, muito bem montada, por sinal.

Delegado: Mas que absurdo tudo isto. Você não é alguma jornalista tentando descobrir alguma coisa. Olha, eu posso lhe botar na grade por desacato a autoridade!

Andréia: Não sou jornalista. Sou uma fotógrafa, casualmente eu estava passando no local daquela prisão. Injustiça sem lógica que vocês fizeram. Não adianta mais encobrir. Eu sei de tudo. Estou associando os fatos...  
O roubo da minha máquina, na ocasião da prisão eu estava fotografando.  
O Marquinhos viajando para o exterior. A Maria abandonada, e agora esta loucura... aparece assassinada... Mas ela me contou tudo antes de morrer.  
O quanto esta menina estava sendo perseguida.

Delegado: Ela quem, a mãe do Toninho?

Andréia: Não te faças de perdido, eu falei a Maria.  
Assassinada...

Delegado: Assassinada... mas que horrível...

Andréia: Horrível é a trama de vocês, só que não adianta mais representar. Eu tenho em mãos o filme da prisão daquele rapaz. Ele não estava no local do crime, e nem no horário do mesmo. Eu tenho testemunhas de sobra. A máquina estava vazia. Se vocês pensaram que eu estava louca tirando fotografia sem filme, vocês se enganaram redondamente. Eu já tinha tirado, logo que percebi que alguém me seguia...

Delegado: Por favor. Você está muito nervosa. Volte outra hora, eu preciso sair para registrar um assalto. Se quiseres esperar, não sei se vou demorar. Por quê você não vem outro dia?

Andréia: Não, este problema tem que ser resolvido agora... Afinal são vidas que estão em jogo...

Delegado: A vontade...

(Andréia anda de lado a lado se cansa de esperar e vai embora...)

Andréia: Mas já são seis horas, acho que fugiu também... pelo jeito não volta mais...

(As luzes se apagam e logo se acendem)

Delegado: Alô... é da onde... a sim... manda passar a dona... é, essa mesmo... até esqueci o nome dela... a mãe do rapaz... a coisa tá preta... e o pior que o pepino arrebenta nas minhas costas... dinheiro, muito dinheiro...tá, manda passar...  
(delegado desliga o telefone e põe as mãos na cabeça)

Delegado: E agora...

Jurema: (entra e fica parada olhando para o delegado)

Delegado: Bom dia...  
(ela não responde)  
Sente-se por favor...

Jurema: O meu filho, o que é que ele fez... vai me dizer que fugiu...

Delegado: Não... não mais... sente senhora, por favor.  
O seu filho!

Jurema: Não quero saber mais de histórias, quero ver ele solto, agora, na rua...  
Acho que chegou a hora, ele não fez nada... estou disposta a tudo, chega de ameaças... eu... eu acho que vocês estão forçando ele a fazer alguma coisa, porque se eu estivesse no lugar dele, já tinha matado meia dúzia... mas ia procurar minha inocência!

Delegado: Tenha calma, minha senhora, ele vai ser solto.

Jurema: Ele vai?! É muito bom, antes que faça um escândalo.

Delegado: É, solto de uma certa forma ele vai...

Jurema: Eu sei que outros problemas vamos ter que enfrentar, agente que é mãe sofre... conhecido por todos os jornais do país como assassino de um crime que ele nem ao menos teve oportunidade de ver.

Delegado: Isto não é verdade, temos todas as provas suficientes para condenar. Estão aqui todos os documentos assinados por ele.

Jurema: Nojentos... vocês são uns nojentos... urubus... forçando ele a assinar... mas não é nada, vocês não tem mais chances!

Delegado: O que você quer dizer com isso?

Jurema: De esconder este golpe, esta trama muito bem bolada, que o pai do Marquinhos, aquele cafajeste, montou em cima de tudo isto... E o pior, que todo mundo acredita, só porque ele tem dinheiro. Pra fechar a boca de muita gente!

Delegado: Minha senhora, ninguém planejou nada!

Jurema: Como nada. Eu já tenho advogado, do sindicato mas tenho. Pelo menos se não tiver força... muita gente vai cair, porque eu vou lutar.

Delegado: A senhora está acusando pessoas também inocentes!

Jurema: É dessa forma que vocês sabem se defender, se fazendo de inocentes, de vítimas!

Delegado: Veja bem o que a senhora está falando, às vezes é melhor ficar de boca calada, pra não sair palavras que só vem atrapalhar!

Jurema: Se bem que soltar o pobre do meu filho não vai resolver muito! A liberdade não vai pagar a injustiça que vocês cometeram. Ou mais um engano da justiça!

Delegado: Agente não consegue um diálogo desse jeito! Quem sabe a senhora manda o seu advogado.

Jurema: Ele virá... só que antes eu quero desabafar... Eu tenho que aceitar tudo isto, pelo amor que tenho por meu filho...  
(Silêncio)  
A onda aí na rua já está passando  
Os jornais não falam mais do crime  
Também não interessa mais, já venderam bastante  
Agora pra eu calar a boca irão soltar o Toninho!  
Como se isso apagasse toda a dor  
Que a nossa família está sentindo  
Como se isso pagasse a dívida da maldade  
Que vocês cometeram  
Mas tudo bem... eu na condição de pobre  
Prometo ficar no meu lugar  
Chega de ameaças quero viver  
Tenho mais filhos para criar  
Solte meu filho que eu prometo  
Ficar CALADA”

Delegado: Dona Jurema, nós chamamos aqui para lhe dizer...

Jurema: Vamos, fale logo, estou disposta a aceitar a condenação dele. Embora sabendo que ele é totalmente inocente, não por ser meu filho, mas o verdadeiro criminoso está solto, viajando pelo exterior, enquanto um coitado dibliado pela justiça, forçado a assinar documentos... de uma forma ou de outra, vocês tinham que achar um culpado para arquivar o processo...

Delegado: A senhora está muito nervosa, não está dizendo coisa com coisa...

Jurema: Mas fale logo, estou preparada!

Delegado: O temos a dizer é o seguinte... espero que esteja bem preparada...

Jurema: (fica nervosa)... sim claro que estou...

Delegado: Tivemos um acidente com seu filho...

Jurema: Acidente... como!

Delegado: É... um acidente, nesta fuga que houve segunda-feira. Ele fugiu junto com os outros, e na captura dos marginais infelizmente ele...

Jurema: Ele não foi capturado!

Delegado: Sim... não é bem assim! Nós tentamos de todas as formas, para descobrir os verdadeiros criminosos, desta trama diabólica que infelizmente aconteceu com seu filho... os nossos homens corruptos serão punidos pela justiça... você sabe, em toda a sociedade tem suas ovelhas negras e brancas. Correu muito dinheiro por trás de tudo isto, mas infelizmente para outros... a mãe de Maria, a garota assassinada...

Jurema: Sim, já estou sabendo dos fatos!

Delegado: Pois é, a mãe da Maria era amante do pai do Marquinhos. E com a morte da menina, ouve muitos transtornos. E por vontade própria dela... ela nos entregou todo o jogo.

Jurema: Só por vontade própria que vocês descobrem os crimes. Porque do contrário ficariam impunes!

Delegado: (Faz que não ouve)  
O Marquinhos era um viciado nº1 em drogas... o pai dele não podia com a vida dele... o traficante falhou com ele e ele matou... e sabe, estas famílias tradicionais não gostam de escândalos. O pai dele, junto com alguns policiais corruptos como lhe falei a pouco, montou esta enorme trama.. (delegado pensa um pouco)... Será fácil sua punição, o Marquinhos já tem outros antecedentes.

Jurema: E se não tivesse ficaria impune... (Jurema pensa e...) Quer dizer que você não está no jogo?

Delegado: Bem, o que me vem aqui eu tenho que executar, afinal está escrito nos depoimentos... mas breve será contado em todos os detalhes, no jornal, para saciar a expectativa do público em geral...  
Bem, eu estou lhe contando porque me falta coragem pra lhe dizer!

Jurema: O meu filho, conseguiram pegar? Pra onde ele deveria ter ido...

Delegado: (faz silêncio)  
Ele morreu...

Jurema: Morreu?! Não faz isso comigo... você está brincando...

Delegado: Infelizmente, ele está morto. Na busca dos demais detentos... eu gostaria de estar mentindo, mas esta é a verdade. Tentamos fazer o possível, mas na tentativa de fugir, se misturou junto com os marginais e foi difícil evitar...

Jurema: Chega... (chora)

Delegado: Sinto minha senhora...

Jurema: (levanta a cabeça)  
Eu estou muito confusa...

Delegado: Eu vou chamar alguém para lhe acompanhar!

Jurema: Isso não deve estar acontecendo, mas é a realidade. Realmente meu filho está morto. Primeiro condenado por um crime que não cometeu. Depois morto por estar procurando liberdade. Eu sei, sou uma gigante minoria. Tenho que ficar calada, pra continuar vivendo. É dura e cruel esta sociedade, mas eu ainda sonho com a liberdade para todos... com o sol... com o braço forte... (chora)  
Agora sou mais uma que vai se misturar com o povo da rua. Quem sabe pra contar mais uma história, carregar um drama pro resto da vida. Mas é assim, apenas servi para mais um registro, mais um caso onde a justiça não se fez presente... mais uma repressão das tantas que andam por aí...

Verdureiro: Olha a verdura fresquinha  
Mamão, cenoura, rabanete...  
Aproveitem, olha a verdura... olhe a verdura...

Picolezeiro: Olha o picolé... olha o picolé  
Morango, abacaxi... olha o abacaxi, olha o picolé...

Jurema: De que adianta tanta briga  
Tanta conquista, tanta guerra  
Tanta injustiça, nada resolve  
Não adianta ser dono do mundo  
Se depois não somos dono de nada  
Será que já pararam pra pensar  
E analisar o que é uma vida  
O mundo está cheio de astúcia  
De ódio, de rancor, de mentiras, trapaças  
Mas nada adianta  
Nem dinheiro, nem violência, nem nada... nada...  
Se nós não buscar a realidade da própria vida...  
A verdadeira vida...

Andréia: (entra em cena e logo a seguir Paulo)  
Paulo... (Grita)

Paulo: (comenta para Andréia, os dois se olham)  
Acho que chegamos tarde demais!

(Entra o som da rua)  
(As luzes se apagam e logo se acendem)

FIM